



## GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação

ISSN 2177-3688

### A TATUAGEM EM CONSONÂNCIA COM UM SÓLIDO REFERENCIAL TEÓRICO SOBRE O DOCUMENTO E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

#### *THE TATTOO IN CONSONANCE WITH A SOLID THEORETICAL REFERENCE ON THE DOCUMENT AND INFORMATION SCIENCE*

**Patrícia Reis** - Universidade Federal da Bahia (UFBA)

**Zeny Duarte** - Universidade Federal da Bahia (UFBA)

**Eudaldo Santos Filho** - Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

#### **Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** Este trabalho faz parte de pesquisa doutoral desenvolvida e qualificada em um Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação – PPGCI - e tem como objetivo demonstrar a tatuagem enquanto documento de identificação humana, a partir de referencial teórico que valida e justifica a pesquisa defendida, por considerar a tatuagem um artefato humano presente na sociedade desde os tempos mais remotos. Entende-se que o documento, para além do suporte papel, deve ser compreendido na Ciência da Informação (C.I) a partir do estudo inicial de Paul Otlet e, o seu desenvolvimento, a partir do estado da arte com base em estudos apresentados por Suzanne Briet, Jean Meyriat, Robert Escarpit, Javier Lasso de la Vega, Bernd Frohmann, assim como a continuidade desta pesquisa diante do movimento neodocumental. Desde então, interessa apresentar debates e abordagens sobre a tatuagem enquanto documento e incluí-la no âmbito da área de concentração e linha pesquisa do PPGCI, conseqüentemente e na atuação da C.I, em sua esfera teórica e prática, para que seja analisada a tatuagem ultrapassando o conceito de apenas ser um ornamento corporal e, mais ainda, possuidora de viés científico notável e assegurado socialmente. Tal perspectiva garante a validade deste estudo enquanto formulação epistêmica teórica original e, assim sendo, o desenvolvimento de uma metodologia futura indicada para dotar a teoria de aparato pragmático de uso de um sistema de informação que elege a pele como suporte do documento.

**Palavras-chave:** documento; ciência da informação; tatuagem.

**Abstract:** This work is part of doctoral research developed and qualified in a Postgraduate Program in Information Science - PPGCI - and aims to demonstrate the tattoo as a human identification document, based on a theoretical framework that validates and justifies the research defended, for considering tattoos a human artifact present in society since ancient times. It is understood that the document, in addition to paper support, must be understood in Information Science (I.C.) based on the initial study by Paul Otlet and its development, based on the state of the art based on studies presented by Suzanne Briet, Jean Meyriat, Robert Escarpit, Javier Lasso de la Vega, Bernd Frohmann, as well as the continuity of this research in the face of the neodocumentary movement. Since then, it has been interesting to present debates and approaches on tattooing as a document and include it within the scope of the PPGCI's area of concentration and research line, consequently and in the activities of the C.I, in its theoretical and practical sphere, so that tattooing can be analyzed, going beyond the concept of merely being a bodily ornament and, even more so, possessing a notable and socially assured scientific bias. This perspective guarantees the validity of this study as an original theoretical epistemic formulation

and, therefore, the development of a future methodology indicated to provide the theory with a pragmatic apparatus for using an information system that chooses the skin as document support.

**Keywords:** document; Information Science; tattoo.

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho a ser apresentado faz parte da pesquisa doutoral, desenvolvida e qualificada no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que tem como tema a tatuagem enquanto documento de identificação humana. Isso porque o objeto de estudo em questão, tem forte presença na sociedade contemporânea, como também pode ser encontrado em período pré-dinástico no Egito (4000-3100 a. C), conforme o Journal of Archaeological Science (2018), assim, desde o início das investigações, considerou a hipótese de o registro em pele humana ter a condição de documento, a partir de observações empíricas e de registros históricos do homem.

A Ciência da Informação (CI), área responsável pelo estudo do documento e as múltiplas ações da informação, mantém um robusto campo teórico de investigadores, a exemplo dos seus primeiros estudiosos, Paul ), que fundamentaram o preceito do documento ser para além do suporte papel. Observando a dinamicidade do mundo a partir dos avanços tecnológicos e as rupturas científicas, constrói-se a possibilidade da tatuagem se tornar um documento de identificação humana. Para tanto, o objetivo deste trabalho é apresentar contextos e configurações diversas do conceito de documento a fim de defender a pele humana com um suporte de informação que favorece a tatuagem ser um documento com a finalidade de identificar um indivíduo e subsidiar as áreas da Medicina Legal e da Papiloscopia.

A construção da pesquisa visou o alcance teórico que explique um fenômeno social de forma concisa e sistemática alicerçada em uma metodologia reflexiva acerca do objeto investigado. O procedimento da pesquisa iniciou com a revisão bibliográfica, com a função de conhecer e explorar os universos teóricos a fim de alcançar o objetivo pretendido. Do ponto de vista da sua natureza, a pesquisa é aplicada porque objetiva a partir do conhecimento adquirido, gerar novos conhecimentos para serem aplicados. Por isso, "é para a solução de problemas concretos da vida cotidiana" (NUNES, 2021, p. 10). Em relação aos objetivos, esta pesquisa é caracterizada como descritiva porque Prodanov e Freiras (2013, p. 52) explicam

que "os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não são manipulados pelo pesquisador".

Esta pesquisa se justifica por ser um fenômeno e objeto de manifestação vigente e importante no processo civilizatório. Além de servir para a identificação humana (civil, pessoas desaparecidas e de corpos não reclamados), justifica-se por ser a manifestação cultural de um povo denotar hábitos praticados por sujeitos predecessores, tornando-se uma prática milenar que certifica acontecimentos e promove avanço social nas técnicas e ferramentas utilizadas para a feitura e para o desenho (CORREIA, 1915; MARQUES, 1997; MAYOR, 2019).

## **2 O DOCUMENTO NO ÂMBITO DA C.I**

O panorama teórico da C.I demonstra que o seu desenvolvimento científico está diretamente relacionado com a práxis do saber profissional, seja para a realização de atividades seja para a resolução das questões resultantes do volume de informação produzido, ou ainda pelas novas demandas oriundas das atividades humanas e tecnológicas. O seu estatuto científico é reconhecido através dos pilares da produção, organização, tratamento, análise, recuperação e uso da informação.

Com cenário discursivo em constante construção, a proposição em relação ao estudo do documento, em consonância com a C.I, apresenta-se como um campo fértil para o seu aprofundamento teórico e prático. Extremamente conhecida e generalizada, a clássica definição do documento de ser uma informação registrada em um suporte qualquer é referenciada por Paul Otlet (2018, p. 59), quando o citado autor considera o documento "um suporte, feito de determinado material e com determinada dimensão, eventualmente resultado de determinada dobragem ou de montagem em rolo, onde se colocam os signos representativos de certos dados intelectuais". Por certo, o seu desenvolvimento, epistêmico, é sustentado em teorias solidificadas e avança substancialmente na contemporaneidade, sendo ainda tema debatido no movimento dos neodocumentalistas.

De tal modo, discorrer sobre o documento é avançar nos postulados existentes. Por isso, a ruptura do paradigma custodial para o pós-custodial é marcada pela obra Tratado de documentação, de 1934, do belga Paul Otlet, que, naquele período, inovou ao afirmar que o documento não era apenas o livro, mas também a revista, o jornal, o filme, uma fotografia ou uma medalha. Assim, é correto um conteúdo em um suporte qualquer demonstrar novas formas de comunicação. A própria história da escrita remete a inscrição em pedras, paredes

e tábuas de argila. López Yepes (1997, p. 15), sustenta que os primeiros habitantes do planeta sempre demonstraram a necessidade de se comunicarem tanto verbalmente como por escrito, sendo a invenção da escrita e a sua transferência para suportes mais duráveis ocorrida em função da fragilidade da memória. Ou seja, citam-se suportes anteriores ao papel, a exemplo da Pedra de Roseta<sup>1</sup>.

Além disso, a história nos apresenta outros exemplos de objetos que, em função do seu uso, podem ser considerados documentos. É o caso do quipo andino. Harari (2017, p. 133) explica que o quipo era constituído de nós posicionados (registro) em diferentes lugares de cordas coloridas (suporte). Foi através desse tipo de registro que os incas mantiveram o seu império. No entanto, os quipos foram desativados diante da dificuldade de registrá-los e compreendê-los. Constata-se então que novos documentos, para além do impresso, promovem o estudo do documento para uma visão moderna e científica do objeto. Portanto, Couzinet (2009, p. 14) afirma que:

No compartilhamento dos saberes, como na construção dos conhecimentos, o documento pode ser portador de várias categorias de sentidos e de funções. Se acrescentarmos sua própria construção e seu contexto de surgimento estaremos diante de um objeto material complexo, que convida a toda uma série de abordagens.

Diante de tal afirmação, considera-se que o documento nasce de uma necessidade humana de registrar um fato de ordem mental ou até mesmo natural. E tal registro pode ser fixado em uma base material para uso imediato ou não. Ainda, um documento não produzido pelo homem e sim pela natureza, como um meteorito, é dotado de informação e é objeto de pesquisa e estudo, considerando para tanto o contexto da criação e o momento no qual esteja sendo utilizado.

Indubitável a oportunidade da reflexão teórica e prática que Otlet (2018) promoveu para os seus contemporâneos. A discussão aprofunda, com notável certeza, de o documento ser fundado através das manifestações culturais de um povo, tornando-se elo de relações entre pessoas e instituições.

---

<sup>1</sup> Feita em granito negro, a pedra contém catorze linhas em hieróglifos (ou hieróglifos), 32 linhas em demótico, e 54 em grego. As inscrições da Pedra de Roseta formam uma versão de um decreto feito pelos sacerdotes de Mênfis estabelecendo que Ptolomeu V era o novo governante do Egito. (SILVA, 2013, p. 23).

### 3 A CONSOLIDAÇÃO DO DOCUMENTO A PARTIR DE TEÓRICOS DA C.I

Considera-se o desenvolvimento científico em torno do documento como objeto de estudo iniciado ainda na Idade Média, com a Diplomática como área do conhecimento humano se preocupando em estabelecer regras para a comprovação da autenticidade dos documentos produzidos (NASCIMENTO; KONRAD, 2016). No estudo da Diplomática, Duranti (2015, p. 197) explica que a “forma do documento é tanto física como intelectual”.

Portanto, em torno de 1934, Paul Otlet declara considerar a Documentação um novo campo científico, assim, uma ciência que trata dos documentos. De certa forma, o Tratado de Otlet demonstra um conhecimento vanguardista. Ao falar de “Livros”, o autor (OTLET, 2018, p. 59) afirma ser um termo genérico que abrange manuscritos e impressos de toda espécie e ainda, “constituindo em seu conjunto a memória materializada da humanidade, na qual, dia a dia, foram registrados os fatos, as ideias, as ações, os sentimentos e os sonhos, quaisquer que sejam, que tenham impressionado o espírito humano”.

Sobre o documento, observa-se que Otlet não restringe o suporte somente ao papel, pelo contrário, (OTLET, 2018, p. 59) afirmava ser o papel “apenas uma das espécies de matéria capazes de receber a escrita” e relata que “escreveu-se sobre pedra, metal, cerâmica, papiro, pergaminho e, finalmente, papel” (OTLET, 2018, p. 65). A percepção de não enquadrar o documento apenas ao papel permitiu que a teoria de Otlet se solidificasse e ampliasse o estatuto do documento para os dias atuais. Isso porque, preocupado com o excesso de informação documentada, ele alertava sobre a necessidade de procedimentos diferentes e inovadores dos que eram aplicados naquele tempo nos documentos, no sentido de atribuir melhor funcionalidade a um universo em constante crescimento.

Conhecida como defensora das ideias de Otlet, a francesa Suzanne Briet aprofundou o estudo do documento para além do suporte papel. A sua obra, *O que é documentação?* (2016), avançou em uma compreensão teórica-pragmática sobre a abordagem do documento. Para Saldanha e Ortega (2018, p. 118), a obra de Briet não apenas aprofundou questões filosófico-aplicadas de Otlet, mas “detectou elementos centrais e abordagens necessárias que modificaram, junto dos elementos anteriormente colocados, as possibilidades da prática documentalista, desdobrando-se na construção do campo no contexto internacional”.

A seguir, definição de Briet (2016, p. 1) sobre documento: “todo indício, concreto ou simbólico, conservado ou registrado, com a finalidade de representar, reconstituir ou provar

um fenômeno físico ou intelectual”. Por meio da citada afirmação, a possibilidade de atribuir a um objeto qualquer o caráter de documento, independentemente do suporte papel, é verificada quando Briet, em 1951 exemplifica um antílope como documento. Esse argumento é apresentado como uma admiração à fertilidade documentária, pois, a partir do momento em que o antílope é catalogado, ele é o documento primário e os documentos oriundos dele, como a monografia sobre o antílope ou o registro sonoro do animal, são considerados documentos secundários. Sendo assim, o animal é um objeto de comunicação. Um exemplo direto da teoria de Briet é aplicado aos aborígenes da Tasmânia (estado insular da Austrália), que tiveram seus cadáveres estudados e publicados em artigos, além de terem os cérebros e esqueletos expostos em museus (HARARI, 2017).

Para a autora citada, o livro não era suficiente para gerar satisfação nas pessoas, sendo necessário estender aos “documentos iconográficos, metálicos, monumentais, megalíticos, fotográficos e transmitidos por rádio ou televisão” (BRIET, 2016, p. 5).

Naquela época, e se perpetuando até os dias de hoje, concorda-se com Corrêa e Spudeit (2018) sobre Briet ter ampliado o significado de documento para as evidências e informações contidas em objetos que não fossem somente coleção de livros, mas qualquer objeto ou evento que evidenciasse algum fato, era, funcionalmente, compreendido como um documento.

Em princípio, seguem teorias consolidadas, com a tentativa de manter uma cronologia científica da discussão documental, a fim de explanar e convergir à noção de documento para a pretensão desse trabalho.

No ano de 1969, Javier Lasso de la Vega, no seu Manual de Documentacion, discute o documento a partir do termo “documentação”, enquanto uma técnica e quem deve ser o profissional responsável por essa atividade, demonstrando estar ciente do surgimento de diversos tipos de documentos. Lasso de la Vega também compartilha da noção de não considerar apenas livro e revista como os únicos transmissores das criações humana. O espanhol considera a documentação um campo fértil, sendo impulsionado pelo avanço tecnológico, científico e industrial. Desse modo, a documentação seria um campo em constante progresso envolvendo tudo aquilo que não seja livro.

O teórico francês Robert Escarpit, 1976, analisa o documento como um objeto informacional. Lara e Ortega (2012) explicam que o documento para o autor francês é visível e palpável, possuindo sincronia e estabilidade independente do tempo. A sincronia mantém

relação com a mensagem e a estabilidade com o suporte material passível de ser conservado, transportado e reproduzido. Ressalta-se que a reprodutibilidade da tatuagem dependeu muito do avanço tecnológico contemporâneo.

Também partidário das ideias de Otlet, o espanhol José López Yepes (1997), ao refletir sobre o conceito do documento, exemplifica as paredes da caverna de Altamira, localizada no norte da Espanha, como documentos que contêm mensagens pictóricas. López Yepes (2001, p. 263) ainda faz uso do termo “documentação” ao analisar o documento como “fuente potencial y efectiva para obtener nueva información” e concorda que o documento seja objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento como arquivologia, biblioteconomia, museologia, diplomática e outras.

A informação documental configura-se como a nova perspectiva que enriqueceu notavelmente o conceito de documento com base em fatos aceitos como as mudanças das necessidades sociais e individuais de informação, o desenvolvimento acelerado de tecnologias desta natureza e o próprio conceito de informação como forma de informar na medida em que requer a adequação de uma mensagem e do meio pelo qual ela é disseminada. A informação documental é gerada quando a informação previamente preservada é recuperada e transformada para se tornar uma fonte de informação para obter novas informações. Isso se dá no chamado processo informativo-documental constituído pelos sujeitos emissores (o autor da mensagem e os profissionais que a tratam e divulgam), o meio, o item documental e os sujeitos receptores da mensagem. [...] (LOPEZ YEPES, 2008, p. 279, TRADUÇÃO NOSSA)<sup>2</sup>

A informação documental abordada por López Yepes na citação acima tem relação com o processo da criação de instrumentos de gestão para fins de organização e recuperação da informação, como índices, catálogos, guias e inventários, por exemplo.

Jean Meyriat (1981) desenvolve a sua teoria sobre documento a partir do artigo “Documento, documentação, documentologia”, apresentando a importância do uso e da sua função informativa. O francês define o documento como um objeto que suporta a informação

---

<sup>2</sup> La información documental se configura como la nueva perspectiva que ha enriquecido notablemente el concepto de documento al partir de hechos aceptados como las cambiantes necesidades sociales e individuales de información, el desarrollo acelerado de las tecnologías de esta índole y el propio concepto de información como modo de informar en cuanto exige la adecuación de un mensaje y el medio a través del cual se difunde el mismo. La información documental se general cuando una información previamente conservada es recuperada y transformada para convertirse en fuente de información para obtener una nueva información. Ello tiene lugar en el llama do proceso informativo-documental compuesto de sujetos emisores (el autor del mensaje y los profesionales que lo tratan y lo difunden), el medio, el menaje documentario y los sujetos receptores del mensaje. [...] (LOPEZ YEPES, 2008, 279).

para ser comunicada e que seja durável. Definição muito ampla, porém, essencial, com noção inseparáveis material e conceitual.

Ao contrário de Lopes Yepes (1997), que não se fixa no uso do objeto como documento e sim da importância que cada um deles tem para a sociedade, Meyriat (2016) solidifica o documento em função do uso que é dado a ele. O autor acredita que todo objeto pode transmitir uma mensagem, visto que é possível registrá-la em diversos objetos, a exemplo das runas medievais encontradas nos suportes madeira e osso em uma investigação arqueológica em Oslo, Noruega (2021).

Paralelamente, o autor avança no estudo ao demonstrar que objetos que não possuem escritas também têm caráter informacional, nesse caso, objetos que são encontrados em museus como estátuas ou meteoritos. São objetos que fazem referências a determinado fato ou conhecimento. Por isso, “todo objeto pode, então, se tornar documento” (MEYRIAT, 2016, p. 242), visto que o objeto pode se encarregar de transmitir informação.

Posteriormente, Meyriat (2016) reconhece que o documento existe independentemente da vontade do seu criador e sim do interesse de quem fará o uso. Por isso, a capacidade informativa do documento é fonte inesgotável diante da possibilidade de uso em função do conteúdo contido nele.

Claire Guinchat e Michel Menou (1981), na obra *Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação*, apresentam os tipos de documentos, abordando as suas características, sua estrutura e o seu tempo de vida. Para os autores supracitados, “um documento é um objeto que fornece um dado ou uma informação. É o suporte material do saber e da memória da humanidade”.

Eles informam, no entanto, que outras fontes também fornecem informação provenientes de documentos. Afirmam existir também uma grande variedade de documentos. Para eles, os documentos são diferenciados a partir dos aspectos físicos e intelectuais. O primeiro tem “o peso, o tamanho, a mobilidade, o grau de resistência, a idade, o estado de conservação, a unicidade, a raridade ou multiplicidade são fatores que determinam a escolha e a análise de um documento” (GUINCHAT; MENO, 1994, p. 42).

Ao abordar a estrutura dos documentos, eles mencionam que a formatação de um documento muda de acordo com o tipo, como, por exemplo, a estrutura de uma monografia difere de um artigo em jornal. Para isso, todo documento tem elementos que servem de identificação seja das suas partes, unidade documental e a sua condição. Assim, “em alguns

casos, o documento contém o conjunto de informações necessárias ao seu tratamento. Em outros, ele deve ser acompanhado por outro documento que o identifica” (GUINCHAT; MENO, 1994, p. 48).

A abordagem trazida pelos autores sobre o tempo de vida dos documentos não é focada apenas no suporte, na questão da preservação do material, mas sim da duração de um documento em relação ao seu “valor intrínseco, da disciplina ou domínio tratado, do seu grau de atualidade, de sua pertinência em relação ao estado dos conhecimentos, aos objetivos da unidade de informação e às necessidades dos usuários” (GUINCHAT; MENO, 1994, p. 51).

Para José Maria Desantes Guanter (1992), o documento quando preservado guarda as mensagens para serem transmitidas para o futuro quando “documentação é a comunicação com o passado em desenvolvimento que, unindo-se ao nosso progresso em direção ao futuro, torna-o progressivo (DESANTES GUANTER, 1992, p. 1, tradução nossa)”<sup>3</sup>. Assim, o caráter histórico é contemporâneo e simbólico, ao relacionar o documento com a capacidade de difusão da informação através dos tempos.

O estudo de Desantes Guanter (1992) permite recordar Briet em sua fertilidade documentária quando o autor afirma que o modo documentário é enriquecedor porque a difusão de uma mensagem documentada reproduzida em outro meio foi gerada em algum momento, incorporada e preservada em um suporte e difundida no mesmo suporte ou não. E ainda colabora para a pesquisa científica quando reforça o entendimento sobre o documento:

Hoje tudo pode ser documentado. Tudo pode constituir matéria de mensagens que podem ser incorporadas nos mais variados suportes. Nada há que se oponha ao uso desses documentos na fase de conhecimento da realidade; ao contrário, um trabalho de pesquisa consciente, honesto e exaustivo requer a exploração de tudo o que contribua para uma melhor compreensão, compreensão e interpretação do objeto a ser estudado (DESANTES GUANTER, 2000, p. 29, tradução nossa).<sup>4</sup>

A partir de uma perspectiva renovada, o alemão Bernd Frohmann (2006) destaca que a importância de estudar a documentação está nas consequências e os efeitos da

---

<sup>3</sup>“La documentación es la comunicación con el pasado en desarrollo que, al confluir en nuestro avance hacia el futuro, lo hace progresivo (DESANTES GUANTER, 1992, p.1)”.

<sup>4</sup>Todo se puede hoy documentar. Todo puede constituir materia de mensajes incorporables al más variado soporte. Nada hay que se oponga a la utilización de estos documentos en la fase de conocimiento de la realidad; antes al contrario, un trabajo de investigación consciente, honrado y exhaustivo exige la explotación de todo aquello que contribuya al mejor entendimiento, comprensión e interpretación del objeto a estudiar (DESANTES GUANTER, 2000, p. 29).

materialidade da informação na sociedade, porque o documento nomeia a materialidade da informação. O autor apresenta a materialidade da informação demonstrando a necessidade dos registros para comprovações práticas, com vistas da análise de todo o seu registro ter validade científica e não refutamento descabido.

O autor acredita que o abstrato conceito mentalista da informação é restrigente por conceber a informação “como algo que está presente na mente em estado de compreensão”, ou seja, diz respeito a quem pensa e não se tem acesso. Assim, a materialidade permite a relação da informação com as práticas sociais, culturais, políticas e éticas.

Para abordar os estudos da documentação, Frohmann (2015) recorre a Foucault, sobre os estudos de enunciado e instituição, para exemplificar a materialização da informação a partir dos documentos e como o seu uso age na sociedade. Foucault, a partir dos documentos, mostrou como os registros das instituições agem sobre os sujeitos, sobre os corpos, dando como exemplo os prontuários médicos. Para ele, os documentos agem como transmissão de poder gerativo e formativo, não como um meio de comunicação de informação, pois as instituições o usam como convém.

Quando a informação é materializada por meios tecnológicos, a sua produção e processamento ocorrem fora da consciência, devido às transações eletrônicas e automatizadas. Às vezes, um sistema de informação se retroalimenta, pois, os processos são gerados automaticamente, com dados que já haviam sido inseridos previamente. Logo, o autor propõe pensar a informação de forma clara e dinâmica, abrindo possibilidades para os campos de práticas sociais, públicas, políticas, culturais e econômicas, tudo isso através da documentação. O poder que o documento tem na sociedade é a partir da sua base informativa.

A perspectiva de Frohmann adota o que muitos pesquisadores têm discutido sobre o movimento neodocumental, que oportuniza a investigação em torno do documento, creditando o seu estudo ser tão importante quanto o da informação. Reacender a discussão em torno do documento demonstra um reconhecimento tardio para um tema de estudo imprescindível para a C.I. Não é arriscado afirmar que esse movimento surgiu, talvez, em função do avanço tecnológico em que tantos pesquisadores do campo discutem sobre documento digital ou nato digital, preservação digital e outros aspectos tratados para o suporte papel. A solidificação das teorias de Otlet e Briet foi pertinente para a compreensão e fundamentação do estudo do documento para além do suporte papel.

#### 4 A TATUAGEM EM CONSONÂNCIA COM O DOCUMENTO

O documento colabora na construção individual e coletiva de um povo ou nação. Dentre suas infindáveis atribuições, os registros salvaguardados garantem o reconhecimento de um indivíduo ou um grupo de pessoas, garantindo a perenidade de um povo e sua cultura. Em se tratando da variedade e diversidade possível para a constituição da configuração documental, apontamos aqui a possibilidade que uma tatuagem assume de ser um componente documental. Podemos encontrar na história várias manifestações que atestam nossa afirmação, como os guerreiros maoris que têm tatuagens sobre as faces dos povos de determinada região australiana.

A tatuagem é uma atividade humana presente na sociedade desde os tempos mais remotos. Em seu conceito mais elementar, a tatuagem é pigmento de tinta inscrita em pele. Lise, Gauer e Cataldo Neto (2013) explicam que é possível que o homem tenha adquirido afinidade com a tatuagem a partir das cicatrizes corporais e então, antes mesmo de desenhar sobre rochas, passou a se marcar com pigmentos coloridos.

Por ser uma atividade humana, e antiga, a tatuagem está articulada em um contexto simbólico desde a sua existência. As motivações e justificativas para a sua feitura foram e são diversas (rituais de passagem, homenagem, lembrança, celebrações, ornamentos, status social, estilo de vida, atos de rebeldia, atitude transgressora, associação/pertencimento a grupos e punição são algumas demonstrações para a sua existência), por isso a tatuagem passa a ter utilidade para além da exposição em pele e representa uma expressão individual de caráter social através dos tempos. Desse modo, percebe-se que o homem faz parte de um agrupamento de pessoas que têm algo em comum e utilizam o corpo como transmissor de crenças e consequente cultura.

Infere-se que a manifestação da tatuagem no corpo humano teve, mesmo que inconscientemente, uma feição de identificação, de forma empírica e não sistematizada, na qual o fato de propor uma imagem e conceito visual identifica o indivíduo com algum processo cultural e mensagem, sendo assim pertencente a algum grupo específico. A popularização da tatuagem desencadeou no Ocidente um histórico relacionado para grupos não aceitos socialmente como criminosos e prostitutas. Mesmo com cunho marginal, a tatuagem passa a ter novos adeptos no Ocidente, no fim da década de 1960, a partir do movimento da contracultura, com os punks e os hippies adotando-a como um ornamento corporal a fim de

romper as normas e padrões impostas pela sociedade daquela época. Ao estar mais presente nos grandes centros urbanos, os jovens passam a consumir esse artefato em pele criando novos perfis e identidade. Destarte, o atual uso da tatuagem na sociedade contemporânea aponta para uma ruptura do que ela foi no passado. Ao ser mais aceita, a tatuagem passou a ser compreendida e mais consumida.

Como os documentos são produzidos a partir da interação social do homem com o espaço em que se encontra, a tatuagem deve ser analisada conforme a dinamicidade da sociedade contemporânea e compreendida como presente no tecido social. Em 2010, Lise et al., afirmavam o crescimento do grupo de pessoas tatuadas, indicando relevância da abordagem, devido às suas múltiplas implicações. Isso porque, a tatuagem enquanto objeto de estudo, é compreendida por diversas óticas científicas, figurando em pesquisas dos saberes médico, histórico, filosófico, antropológico, legal, artístico, dentre outras.

Diante da disposição científica em que a tatuagem e a C.I se situam, o privilégio relacional da tatuagem enquanto documento comprova a interdisciplinaridade tendo em vista a perspectiva sugestionada da ampliação do escopo científico entre os campos de saberes que engloba esta pesquisa, para além da C.I. Daí novas abordagens, ordenamento científico, metodológico e ideológico quando a tatuagem se configura como um documento que serve para a identificação humana. Este aprestamento, visa aprofundar o tema em tela com utilização de metodologia documental à análise e descrição de espaços que façam uso da tatuagem para fins de identificação humana, por exemplo, em delegacias, Institutos de Medicina Legal ou em Postos de Identificação Humana. Tal constatação é pensada na aproximação interdisciplinar por existir a possibilidade de se atingirem camadas mais profundas da realidade cognoscível, determinando reordenamento disciplinar e adoção de novas práticas e teorizações (POMBO, 2008).

A C.I, ao aceitar um objeto documental diferente do comum, aposta na inovação com foco nas tecnologias, este tema cada vez mais presente em todas as áreas do conhecimento. E, prezando pelos aspectos relacionados com a informação, em seus mais constituintes legados, a C.I se insere, além do contexto tecnológico, nas questões relacionadas com a análise, coleta, organização, manipulação, armazenamento, recuperação e disseminação da informação e, mais atual ainda, nas questões sociais, culturais, com o fito de atender à sustentabilidade informacional, como um caminho alternativo para a inovação em serviços de informação (AGENDA 2030).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção de uma pesquisa é continuar a fomentar a investigação sobre o documento, independentemente do seu suporte, pois o espaço para análise e operacionalidade é amplo, principalmente quando o conjunto de informação está pronto para se tornar conhecimento. Essa perspectiva garante a validade deste estudo enquanto formulação epistêmica teórica original e, assim sendo, o desenvolvimento de uma metodologia indicada para dotar a teoria de aparato pragmático de uso de um sistema de informação que elege a pele como suporte do documento.

As abordagens levantadas na investigação do documento a ponto de elevarem o seu *status* ao do objeto informacional não devem ser concentradas apenas dentro do ambiente digital e sim avaliar os objetos que possam se tornar documentos, como já aludidos, e qual a sua relação com a sociedade.

Se atentarmos para o mundo contemporâneo em que o dinamismo de pôr as ideias em prática com o surgimento de produtos e serviços e o envio/recebimento de mensagens e/ou objetos deixa tudo mais veloz, é certo escalar o documento para um nível maior ou igual ao estudo da informação.

Observando a tatuagem como um elemento social a partir de processos individual e coletivo, e visando um aprofundamento maior de análise, sugere-se aqui a sua inclusão de estudos sobre a tatuagem no âmbito C.I, em sua esfera teórica, conceitual e prática, para que seja analisada além de um ornamento corporal e, sim, pelo viés científico notável e assegurado socialmente.

A colaboração intelectual se aprimora dentro de perspectivas múltiplas, mas com a percepção voltada para o documento. Ainda assim, é factível explorar as facetas do documento a fim de enquadrar um objeto qualquer como tal sob a ótica da C.I, como é o caso da tatuagem. Desse modo, a pesquisa segue oportunizando a tatuagem enquanto documento de identificação humana e a possibilidade de descrevê-la metodologicamente em um sistema taxonomizado.

## REFERÊNCIAS

BRIET, Suzanne. **O que é a documentação?** Brasília: Briquet de Lemos, 2016.

CORRÊA, E. C. D., SPUDEIT, D. F. A. de O. O legado de Suzanne Briet: vida e obra além da documentação. **Revista Brasileira De Biblioteconomia E Documentação**, [s.l.], v. 14, n. 3, p. 24–40, 2018.

CORREIA, Vergílio. **Idolos prehistóricos tatuados, de Portugal**. Porto: Renascença Portuguesa, 1915. Disponível em: <http://ric.slihi.pt/docs/Extras/0000000076.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2023

COUZINET, Viviane. Complexidade e documento: a hibridação das mediações nas áreas em ruptura. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 3, n. 3, 2009. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/750> Acesso em: 09 jul. 2023.

DURANTI, L. Diplomática: novos usos para uma antiga ciência (Parte v). **Acervo- Revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p.196- 215, jan./jun. 2015.

FROHMANN, Bernd. O caráter social, material e público da informação na contemporaneidade. *In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, 7., 19 a 22 nov. 2006, Marília. Anais. Marília: ANCIB ., UNESP, 2006.;

GUINCHAT, Claire; MENO, Michel. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. 2.ed. rev. aum. Brasília: Ibict; CNPq, 1994. 540 p.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. São Paulo. Editora Companhia das Letras , 2017.

LARA, Marilda Lopes Ginez de; ORTEGA, Cristina Dotta. Para uma abordagem contemporânea do documento na Ciência da Informação. **Actas del X Congreso ISKO**. Capítulo Español (Ferrol, 2011) Universidade da Coruña (Espanha), 2012. Disponível em: [https://ruc.udc.es/dspace/bitstream/handle/2183/11621/CC\\_132\\_art\\_23.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://ruc.udc.es/dspace/bitstream/handle/2183/11621/CC_132_art_23.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 20 fev. 2023

LISE, Michelle Larissa Zini. Et al. Tatuagem: perfil e discurso de pessoas com inscrição de marcas no corpo. **Anais Brasileiros de Dermatologia**, [s.l.], v. 85, 2010. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-567823>. Acesso em: 20 fev. 2023

LISE, Michelle Larissa Zini; GAUER, Gabriel José Chittó; CATALDO NETO, Alfredo. Tatuagem: Aspectos Históricos e Hipóteses Sobre a Origem do Estigma. **Brazilian Journal of Forensic Sciences**, Medical Law and Bioethics, [s. l.], v. 2, n. 3, p. 294–316, 2013. Disponível em: <https://www.bjfs.org/bjfs/bjfs/article/view/493>. Acesso em: 20 fev. 2023.

LÓPEZ YEPES, José. La investigación española en Teoría de la Documentación (1990-2000). **Revista General de Información y Documentación**, [s.l.], v. 11, n. 2, p. 259, 2001. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/RGID/article/view/RGID0101220259A>. Acesso em: 14 mar. 2022

LÓPEZ YEPES, José. Reflexiones sobre el concepto de documento ante la revolución de la información. ¿un nuevo profesional del documento? **Scire: representación y organización**

**del conocimiento**, [s./l.], v. 3, n. 1, p. 11-29, 1997. Disponível em:  
<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/166776>. Acesso em: 09 jul. 2023.

MARQUES, Tony. **O Brasil tatuado e outros mundos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MAYOR, Adrienne. Pele: amazonas tatuadas. **Heródoto: Revista do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-asiáticas**, [s. /l.], v. 4, n. 1, p. 305–326, 2019. Disponível em:  
<https://periodicos.unifesp.br/index.php/herodoto/article/view/10126>. Acesso em: 20 fev. 2023.

MEYRIAT, Jean. et al. Documento, documentação, documentologia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [s./l.], v. 21, n. 3, p. 240-253, 2016. Disponível em:  
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/22480>. Acesso em: 9 jul. 2023.

NASCIMENTO, Maira de Arruda; KONRAD, Glauca Vieira Ramos. Da diplomática tradicional para a diplomática contemporânea: trajetória e convergências com a arquivística. **Ágora**, v. 26, n. 53, p. 31-59, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/13830>. Acesso em: 19 set. 2023.

NUNES, Martha Suzana Cabral. **Metodologia universitária em 3 tempos** [recurso eletrônico]. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2021. 52 p.: il. Disponível em:  
<https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/14940/2/MetodologiaCientificaUniversitaria3Tempos.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2023.

OTLET, Paul. **Tratado de documentação: o livro sobre o livro: teoria e prática**. Brasília: Briquet de Lemos, 2018.

POMBO, Olga. **Epistemologia da interdisciplinaridade**. In: Colóquio Interdisciplinaridade, Humanismo e Universidade. Porto, 2008.

Prodanov, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 eds. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2023.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Acompanhando a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável**: subsídios iniciais do Sistema Nações Unidas no Brasil sobre a identificação de indicadores nacionais referentes aos objetivos de desenvolvimento sustentável / Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Brasília: PNUD, 2015. Disponível em Acesso em 10.mar.2018.

SALDANHA, Gustavo Silva; ORTEGA, Cristina Dotta. Itinerários da obra de Suzanne Briet: inflexões e tensões. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [s. /l.], v. 14, n. 3, p. 103–134, 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1173>. Acesso em: 15 fev. 2023.

SILVA, Thais Rocha da. Os Estudos Demóticos e a Possibilidade de uma Nova Egíptologia. **Mare Nostrum**, [S. l.], v. 4, n. 4, p. 22-43, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/marenostrum/article/view/105847>. Acesso em: 20 fev. 2023.